

OS ANGLICISMOS E AS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Gladis Maria de Barcellos Almeida (Universidade Federal de São Carlos, Brasil)

RESUMO:

EM AGOSTO DE 2003, FOI APROVADA NO BRASIL UMA LEI CONTRA OS ESTRANGEIRISMOS. LEI QUE FOI MOTIVADA SOBRETUDO PELO NÚMERO DEMASIADO DE ANGLICISMOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. CONSIDERANDO O FATO DE QUE GRANDE NÚMERO DE ANGLICISMOS ENTRA NUMA LÍNGUA POR MEIO DAS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE, FAREI INCURSÕES EM ALGUMAS DESSAS LINGUAGENS COM O OBJETIVO DE DEMONSTRAR EM QUE MEDIDA OS ANGLICISMOS INFLUENCIAM ESSAS TERMINOLOGIAS.

PALAVRAS-CHAVE:

ESTRANGEIRISMO; ANGLICISMO; EMPRÉSTIMO; LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE

RESUMEN:

EN AGOSTO DE 2003, SE APROBÓ EN BRASIL UNA LEY CONTRA LOS EXTRANJERISMOS. EL PRINCIPAL MOTIVO DE LA APROBACIÓN DE ESTA LEY FUE EL NÚMERO EXCESIVO DE ANGLICISMOS PRESENTES EN EL PORTUGUÊS DE BRASIL. CONSIDERANDO EL HECHO DE QUE GRAN PARTE DE LOS ANGLICISMOS ENTRA EN UNA LENGUA POR MEDIO DE LOS LENGUAJES DE ESPECIALIDAD, INCURSIONARÉ EN ALGUNOS DE ESTOS LENGUAJES CON EL OBJETO DE DEMOSTRAR EN QUÉ MEDIDA LOS ANGLICISMOS INFLUYEN EN ESTAS TERMINOLOGÍAS.

PALABRAS-CLAVE:

EXTRANJERISMO; ANGLICISMO; PRÉSTAMO LINGÜÍSTICO; LENGUAJE DE ESPECIALIDAD

1. INTRODUÇÃO: A LEI CONTRA OS ESTRANGEIRISMOS

Desde 1999, os estrangeirismos (sobretudo anglicismos) têm sido tema de debates no Brasil. Não sem razão, já que naquele ano foi proposto um projeto de lei (1676/99) à Câmara dos Deputados, de autoria do Deputado Federal Aldo Rabelo¹ (Partido Comunista do Brasil), que “dispõe sobre a promoção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências.” Embora o texto do projeto de lei faça referências aos estrangeirismos, todos os exemplos arrolados pelo deputado na justificação apensa à lei constituem palavras de origem inglesa: “...estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como ‘holding’, ‘recall’, ‘franchise’, ‘coffee-break’, ‘self-service’ – e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como ‘startar’, ‘printar’, ‘bidar’, ‘atachar’, ‘database’”. (Justificação do Projeto de Lei n.º. 1676 de 1999)

Além de eleger os anglicismos como os grandes responsáveis pela descaracterização da língua portuguesa, o Deputado ainda afirma que essa crescente “invasão” pode prejudicar também a comunicação oral e escrita:

E isso [a invasão indiscriminada de estrangeirismos] vem ocorrendo com rapidez tão espantosa que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano. Sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral. (Justificação do Projeto de Lei n.º. 1676 de 1999)

Para se ter idéia do teor do projeto de lei em pauta, vale citar os artigos terceiro, quarto e quinto:

Art. 3.º. *É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano, nos seguintes domínios socioculturais: I - no ensino e na aprendizagem; II - no trabalho; III - nas relações jurídicas; IV - na expressão oral, escrita, audiovisual e*

eletrônica oficial; V - na expressão oral, escrita, audiovisual e eletrônica em eventos públicos nacionais; VI - nos meios de comunicação de massa; VII - na produção e no consumo de bens, produtos e serviços; VIII - na publicidade de bens, produtos e serviços. (...)

Art. 4º. *Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei. (...)*

Art. 5º. *Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência. (Projeto de Lei nº. 1676/99)*

Evidentemente que, na ocasião, esse projeto de lei suscitou a reação de vários linguistas, filólogos e escritores. Reações que surgiram em forma de artigos em jornais, organização de livros, sessões em congressos, simpósios e similares. Além dessas manifestações individuais, houve reação de associações, tais como: a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Essas entidades protocolaram um documento no Senado Federal propondo uma audiência pública sobre o assunto.

Entretanto, mesmo depois de reações contrárias tão abalizadas e bem argumentadas, o projeto de lei², que visa a proteger a língua portuguesa da degradação a que está sendo submetida por estrangeirismos, provenientes, sobretudo do inglês, foi aprovado no Senado Federal, em agosto de 2003, após aprovação na Comissão de Educação, Cultura e Desporto e na Comissão de Constituição e Justiça, ambas as Comissões constitutivas da Câmara Federal. Após essa data, o projeto de lei foi encaminhado novamente à Câmara para votação e subsequente promulgação por parte do Presidente da República, entretanto, lá permanece desde então.

Para discutir esse tema, farei antes uma breve explanação sobre os conceitos de empréstimo e sobre algumas tipologias de neologismos, as quais incluem o empréstimo como processo de criação vocabular. A seguir, farei uma incursão em algumas linguagens de especialidade com o objetivo de avaliar a presença dos anglicismos em seus respectivos repertórios vocabulares.

2. EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS: PROCESSO DE CRIAÇÃO VOCABULAR

Anglicismo é uma palavra ou expressão proveniente da língua inglesa, mas que é empregada em outras línguas. Os anglicismos, assim como os galicismos, os italianismos, os latinismos, etc. constituem, na verdade, empréstimos lingüísticos. Apresento, a seguir, diferentes conceituações para o fenômeno do empréstimo.

Haugen (1950: 212) conceitua empréstimo como sendo “a tentativa de reproduzir, numa determinada língua, padrões já existentes em outra”. Já Câmara Jr. (1973:192) considera empréstimo o conjunto de mudanças que uma língua sofre em contato com outras. Para Humbley (1974: 52), o empréstimo é a passagem de um elemento (expressão, conteúdo ou ambos) de uma língua a outra; este elemento, insiste o autor, deve ser codificado pela língua receptora. Guilbert (1975: 90) considera o empréstimo “uma introdução, no interior de um determinado sistema, de segmentos lingüísticos de uma estrutura fonológica, sintática e semântica de um outro sistema”.

É evidente a importância do empréstimo como mecanismo de ampliação do léxico, daí a razão de muitos linguistas entenderem os empréstimos como uma forma de neologia. Observem-se, a seguir, algumas classificações de neologia propostas por autores que se ocupam do Léxico, as quais incluem o empréstimo como um processo de criação vocabular.

Guilbert (1975: 59-65) propõe quatro tipos de neologia: a neologia fonológica, a sintagmática, a semântica e a neologia formada por empréstimo. A primeira consiste na formação da substância do significado e na sua transcrição. A segunda engloba todos os modos de formação que implicam a combinação de elementos diferentes, ela é morfossintática e reúne também todas as formas de derivação e composição. A neologia semântica consiste no surgimento de uma significação nova para um mesmo significante. Para o autor, a neologia semântica se diferencia das outras formas de neologia, pelo fato de que a substância significante utilizada como base preexiste no léxico, não sofrendo nenhuma modificação morfofonológica,

nem novas combinações intralexemáticas de elementos, mas passa a exercer a função de nova unidade de significação. E a quarta define os diferentes aspectos do empréstimo. Para este autor, há três critérios por meio dos quais deve-se avaliar se uma unidade lexical está, ou não, em fase de integração a uma determinada língua. São eles: fonológico, morfossintático e semântico. Segundo o critério fonológico, um termo estrangeiro começa a fazer parte do léxico de uma língua à medida que se integra fonologicamente a ele. Um exemplo no português do Brasil seria: *escanear*, proveniente de *scanner*. O critério morfossintático admite que uma palavra estrangeira passa a integrar o léxico de uma língua quando ela é capaz de servir de base a uma derivação ou composição. Para ilustrar, cito a palavra *marqueteiro*, já dicionarizada, proveniente de *marketing*, transformada em base para receber o sufixo *-eiro*: *market(ing) + -eiro*. E de acordo com o critério semântico, um termo estrangeiro passa a pertencer à língua receptora quando se torna polissêmico, isto é, quando é capaz de “carregar” em seu significante um número indeterminado de semas.

Segundo Rondeau (1983: 153-154), a tipologia de neologismos é agrupada em três categorias: primeiro, os neologismos formais, que envolvem a criação de uma nova palavra; segundo, neologismos semânticos, que prevêm a ligação de um novo significado a um significante já existente; e, terceiro, os empréstimos, envolvendo a entrada numa língua de um “signo lingüístico completo”, ou seja, com seu significante e significado.

Alves (1990: 11-80) divide em seis os processos de formação neológica, a saber: 1) neologismos fonológicos; 2) sintáticos; 3) conversão ou derivação imprópria; 4) semânticos; 5) “outros processos menos produtivos”, tais como a truncação, a palavra-valise, a reduplicação e a derivação regressiva; e, finalmente, 6) os neologismos formados por empréstimos. Segundo a autora, neologismo fonológico é a criação de um item léxico cujo significante é totalmente inédito, ou seja, criado com base em nenhuma palavra já existente. Neologismo sintático é a combinatória de elementos já existentes no sistema lingüístico. Neste processo, estariam os neologismos formados por derivação prefixal, derivação sufixal, composição, composição sintagmática e composição por siglas ou acronímica. A conversão ou derivação imprópria é um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. Neologismo semântico é a criação de um novo elemento a partir de uma transformação semântica manifestada num item lexical. No item denominado “outros processos”, incluem-se, segundo a autora, processos menos produtivos, mas que também contribuem para o enriquecimento lexical da língua, são eles: truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva. A truncação é um tipo de abreviação em que uma parte da seqüência lexical, geralmente a final, é eliminada (exemplo: *depressão* > *deprê*). Palavra-valise é uma espécie de redução em que duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico (exemplo: das bases *português* e *espanhol* resultaria o neologismo *portunhol*). Reduplicação é um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico (exemplo: “O *tranca-tranca* pelo bloco asiático está a mil no início da era.” *Folha de S. Paulo*, 21/02/89, *apud* ALVES, 1990: 71). E, finalmente, derivação regressiva é um tipo de criação lexical em que ocorre a supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal (exemplo: *amassar* > *amasso*). Sobre os neologismos formados por empréstimo, a autora afirma:

O léxico de um idioma (...) não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades lingüísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua. (ALVES, 1990: 72)

Ainda segundo Alves (1990: 72-77), o estrangeirismo passa por algumas etapas até integrar-se à língua receptora. Primeiramente, o elemento estrangeiro é sentido como externo à língua vernácula, não fazendo parte do seu acervo lexical. Em seguida, o estrangeirismo é empregado juntamente com uma forma vernácula, sobretudo em textos escritos, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor. Essa forma traduzida pode tornar-se uma forma concorrente do estrangeirismo, alternando-se com ele, ou seja, num mesmo texto, para que não fique repetitivo, emprega-se ora o estrangeirismo ora o equivalente vernáculo. Para a autora, a etapa propriamente neológica do estrangeirismo ocorre quando há integração à língua receptora. Essa integração pode manifestar-se por meio de adaptação gráfica, morfológica ou semântica. Exemplos de adaptação gráfica seriam *shampoo/xampu* e *tournée/turnê*. Já as adaptações morfológicas ocorrem quando os empréstimos começam a formar derivados ou compostos, como por exemplo: *estressar*, *estressante*, *estressado* (derivação: todos esses substantivos advêm da base *stress* à qual se unem afixos vernáculos), *marketing verde* (composição). As adaptações semânticas dizem respeito à mudança de

significado que pode sofrer o empréstimo, passando a ter um emprego polissêmico, dependendo do contexto. Para esses casos, a autora oferece alguns exemplos, entre eles o item léxico *skin-head* que significa originalmente “integrante de uma associação de jovens que usam as cabeças raspadas” e passa a significar simplesmente “sambista quem tem cabeça raspada”. Observe-se no texto: “Sem nunca desligar seu radar detector de pesos-pesados, Pina – a *skin head* do samba – caiu na gandaia.” (*Folha de S. Paulo*, 1989 *apud* ALVES, 1990: 78). A autora ainda cita o decalque como forma de integração do empréstimo, ou seja, “a versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora.” (ALVES, 1990: 79) Exemplos seriam: *weekend/fim de semana, supermarket/supermercado*.

Biderman (2001: 203-206) distingue dois tipos de neologismos: o neologismo conceptual – “acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer” – e neologismo formal, este se constitui numa “palavra nova introduzida no idioma”, podendo ser tanto um termo vernáculo como um empréstimo estrangeiro. Dentre os estrangeirismos, a autora reconhece ainda três tipos: 1) o decalque, que constitui a tradução literal da palavra na língua de origem (exemplos: *credit card/cartão de crédito, feed back/retroalimentação*); 2) a adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia portuguesas, variante brasileira (exemplos: *cocktail/coquetel, toilette/toaleta, chauffeur/chofer*); e a incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais (exemplos: *best-seller, check-up, close-up, cow-boy, gangster, hamburger, hardware, know-how, layout, marketing, shopping center, show*, etc.).

Como se pôde observar, todos os autores citados incluem os empréstimos como um dos processos de criação vocabular. Não há dúvida de que o empréstimo faz parte do dinamismo inerente ao sistema lexical, especialmente nas terminologias. Este fato não é fortuito: é natural que um país que não detenha determinadas tecnologias importe-as de outro. E, ao se transferir a tecnologia, transfere-se também o termo que a denomina. Daí a alta incidência de empréstimos na língua portuguesa do Brasil, país cuja balança comercial ainda se caracteriza por exportar fundamentalmente matéria-prima e importar tecnologia, por isso o português do Brasil é mais afeito à entrada de termos estrangeiros, fundamentalmente os anglicismos, pois é inegável o prestígio que os Estados Unidos da América adquiriram em todo o mundo. Como postula Márquez Rojas (2005: 57-58), hoje em dia o inglês converteu-se na língua veicular por excelência para a comunicação internacional e as áreas em que ocorre maior influência do inglês sobre as outras línguas estão claramente definidas: a ciência e a tecnologia.

Entretanto, entendo que o fenômeno do empréstimo não é prejuízo para nenhuma língua, mesmo o anglicismo, que acabou tornando-se objeto de condenação da lei supracitada. Como é nas terminologias que os empréstimos de maneira geral têm uma grande penetração, tecerei, a seguir, algumas considerações sobre a presença desses elementos em algumas linguagens de especialidade.

3. EXAME DE ALGUMAS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE

Como já mencionei anteriormente, uma das preocupações do Deputado Aldo Rebelo é o suposto prejuízo que o excesso de estrangeirismos (especialmente os anglicismos) pode causar às comunicações oral e escrita. Considerando que é nas terminologias que se percebe a maior incidência dessas unidades, decidi, então, fazer uma incursão em alguns domínios para observar como os estrangeirismos vêm afetando esses léxicos especializados.

Comecei por observar as terminologias com as quais venho trabalhando no Grupo de Estudos e Pesquisas em Terminologia (GETerm³), que são: terminologia do domínio do Revestimento Cerâmico, subárea que integra a grande área da Engenharia de Materiais, e a terminologia do domínio da Fisioterapia. A razão de começar por essas duas áreas são duas: primeiro, porque são os domínios para os quais estamos elaborando dicionários, portanto, temos material significativo para tecer considerações; e segundo, porque são dois domínios pertencentes a áreas do conhecimento distintas, isto é, um pertence às ciências exatas e o outro pertence às ciências da saúde, revelando-se, pois, útil para ilustrar nossas considerações.

O método utilizado nos projetos do GETerm está ancorado numa teoria terminológica descritiva, de viés lingüístico, que tem como principal objetivo a sistematização de terminologias, de modo a facilitar a comunicação especializada entre os indivíduos, sem a preocupação com a normalização.

Para a sistematização terminológica do domínio do Revestimento Cerâmico, foram coletados termos que, depois de aprovados pelos especialistas do referido domínio, constituíram-se em verbetes do dicionário. O trabalho de coleta, que ocorreu entre 1997 e 2002, foi feito manualmente. A partir de 2004, foi iniciada a coleta utilizando método automático, pois foram desenvolvidas uma ferramenta computacional de extração de terminologia em textos de língua portuguesa e uma base textual digitalizada da área de Revestimento Cerâmico⁴.

A coleta manual encerrou-se em 2002, perfazendo o total de 765 termos. Desse total, apenas 8 termos são anglicismos, o que equivale a 1,05%, observem-se:

- *ball-clay* – argila de elevada plasticidade, refratária e que pode adquirir as cores marfim, creme-clara ou branca após a queima, ainda que sua cor natural seja escura, podendo chegar a ser totalmente negra devido a seu elevado teor de matéria orgânica. Apresenta maior resistência mecânica a seco e grande capacidade de vitrificação. É empregada também como agente de suspensão ou de ligação (Dicionário de Revestimento Cerâmico - DiRC⁵). “Esta denominação tem origem no antigo método de exploração utilizado na Inglaterra, que consiste em cortar a argila em cubos e arredondá-los para seu transporte, não possuindo nenhum significado mineralógico.” (McCUISON, 1997, *apud* MENEZES *et al.*, 2003). Para o termo *ball clay*, não há equivalente em português, entretanto, o termo *argila plástica*, que é na verdade o termo superordenado (ou hiperônimo), concorre com *ball-clay*, sendo ambos os termos largamente empregados.
- *china-clay* – variedade de material argiloso, composto essencialmente por caulinita, cuja principal característica é propiciar à peça a cor branca após a queima. Essa característica deve-se à ausência de óxido de ferro ou à sua baixa porcentagem (menos de 0,5%). Diferencia-se das argilas em geral pela sua maior refratariedade, já que contém porcentagens de alumina superiores a 30%, o que o torna útil para fabricar porcelana e para utilizar em massas que exigirão elevadas temperaturas (mais de 1.250°). Devido ao tamanho maior de sua partícula, apresenta plasticidade inferior às demais argilas, menor contração de secagem, menor resistência mecânica a seco e mais rápida decantação (DiRC). Embora o termo apareça nos textos escritos, o equivalente em português *caulim*⁶ é mais utilizado.
- *flint-clay* – argila dura, maciça, compacta e não-plástica. Constituída especialmente de caulinita, pode adquirir as cores creme e castanho-clara após a queima. Contém baixos conteúdos de ferro e outros materiais fundentes. É bastante abrasiva e muito utilizada como matéria-prima para refratários. (DiRC) Para o termo *flint clay*, não há equivalente em português, sendo largamente empregada a forma original em inglês.
- *fire-clay* – argila refratária, devido ao seu elevado conteúdo de alumina (35-38%), com baixas porcentagens de óxidos e hidróxidos de ferro, magnésio e álcalis, e resistente a altas temperaturas. Constituída basicamente de caulinita, pode adquirir as cores creme e castanho-clara após a queima. Obtém plasticidade desde que suficientemente moída e umedecida. Costuma conter impurezas, geralmente minerais de ferro e, menos freqüentemente, carbonato de cálcio (DiRC). Para o termo *flint clay*, também não há equivalente em português, sendo empregada a forma original em inglês.
- *insert* – pequena placa cerâmica medindo até 15 cm² utilizada para compor padrões decorativos em pisos e/ou paredes. (DiRC) O termo é empregado somente na forma em inglês.
- *rotocolor* – máquina rotativa utilizada nos processos de esmaltação e de decoração serigráfica da placa cerâmica. (DiRC) O termo em inglês denomina uma marca líder no mercado de equipamentos para a indústria cerâmica desde 1994 e é empregado na sua forma original. Ainda não há um equivalente em língua portuguesa.
- *creta print* – conjunto de equipamentos que compõem um sistema utilizado na decoração das placas cerâmicas por meio da técnica de impressão flexográfica (DiRC). Inicialmente o termo denominava uma marca, atualmente, *creta print* denomina o tipo de decoração e vem sendo substituído gradativamente pelo termo vernáculo *flexografia*⁷.
- *euroline* – maquinário automatizado que garante a produção em série das placas cerâmicas. É constituído de estruturas de metal sobre a qual passa uma esteira de borracha movimentada por meio de roldanas. Sobre essa esteira são depositadas as placas cerâmicas cruas, que são conduzidas de um equipamento a outro dentro da indústria de forma ininterrupta, até chegar ao ponto final da cadeia produtiva que corresponde à saída do forno (DiRC). O termo é empregado em inglês e denomina um tipo de maquinário e não uma marca.

Apesar desses anglicismos serem empregados nos contextos especializados da área de Revestimento Cerâmico, esses termos muitas vezes concorrem com os seus correspondentes vernáculos, ou ainda são gradativamente substituídos por eles, observem-se: *ball-clay/argila plástica*, *china clay/caulim* e *creta print/flexografia*. Como observou Alves (1995), a tendência tem sido o posterior convívio do estrangeirismo com uma forma equivalente no português, sendo ambas concorrentes utilizadas como formas sinônimas uma da outra, para, finalmente, instalar-se a forma vernácula como a preferida pelos indivíduos.

Decidi considerar também as listas geradas a partir do extrator automático. Importa ressaltar que o corpus digitalizado contém 388.378 palavras. Para esse total, foi estabelecida uma freqüência igual ou superior a 4. Inicialmente foi gerada uma lista de lexias simples⁸, contendo 332 termos. Desses, apenas 4 são

anglicismos, ou 1,21%. Observem-se: *ball-clay*, *china-clay*, *fire-clay*, *mesh*. É preciso lembrar que o extrator automático considera os espaços em brancos como os verdadeiros limites entre as palavras⁹, tratando formas compostas unidas por hífen como lexias simples, ou unigramas.

Após analisar a lista de lexias simples, ou unigramas, foi gerada outra lista de lexias complexas¹⁰, formadas por apenas 2 elementos léxicos (exemplo: *sílica livre*¹¹, *dilatação térmica*¹²), totalizando 583 termos. Desses, apenas 2 contêm elementos oriundos do inglês (0,35%): *mesh* e *sistema rotocolor*.

Considerando as três listas – a que foi objeto de coleta manual e as duas outras obtidas por meio do extrator automático –, é possível observar que alguns anglicismos se repetem. Retirando essas repetições, há no corpus os seguintes anglicismos: *ball-clay*, *china-clay*, *flint-clay*, *fire-clay*, *insert*, *creta print*, *euroline*, *mesh* e *sistema rotocolor*. A seguir, teço alguns comentários sobre o termo *mesh*, obtido apenas na extração automática:

- *mesh* – espaço aberto de variadas dimensões entre os nós que compõem a malha de uma peneira (DiRC). O termo é frequentemente empregado da seguinte maneira:

No caso de argilas como os táguas, existentes em depósitos extensos e profundos, e para argilas transportadas que apresentam valores médios da fração abaixo de 2 µm, a fração acima de 63 µm pode ser perfeitamente aplicada como parâmetro de controle. O presente trabalho teve como objetivo verificar se a “fração retida em malha de 230 mesh (maior que 63 µm)”, pode ser aplicada como parâmetro de controle de argilas transportadas extremamente finas, como é o caso das argilas encontradas nos depósitos da região de Campos dos Goytacazes, as quais, por se encontrarem próximas à foz do Rio Paraíba, apresentam uma granulometria bastante fina, diferentemente das argilas encontradas no Médio Vale do Paraíba, como as da Região de Três Rios, também localizadas no Estado do Rio de Janeiro. (VIEIRA et al., 2005:23)

Como se pôde observar, o item lexical *mesh* é utilizado para descrever a dimensão dos espaços entre os nós da *malha*, daí porque *mesh* aparece após o numeral, observe-se “*malha de 230 mesh* (maior que 63 µm)”.

Considerando o total de termos repertoriados no domínio de Revestimento Cerâmico, há no total 9 anglicismos. Ao contrário dos postulados sobre a influência perniciosa dos anglicismos no português, o que existe de fato nessa terminologia são empréstimos do italiano e do francês. Termos como *muratura*, *bombatura*, *festone*, *mármore travertino*, *bordura*, *mate*, *tamização*, *terracotta/cotto*, *grês*, *tozzeto*, etc. comprovam que a influência que essa terminologia recebe definitivamente não é da língua inglesa:

- *muratura* – procedente do italiano, que significa o reverso do revestimento cerâmico. Embora haja os equivalentes em português *tardoz* e *reverso*, a forma *muratura* é bastante utilizada concorrendo com *tardoz*. A forma *reverso* não foi observada até agora.
- *bombatura* – proveniente do italiano, designação dada a um tipo de defeito no revestimento, deixando sua superfície abaulada. Embora haja no português o equivalente *abaulamento*, os profissionais que atuam na referida área utilizam apenas o estrangeirismo *bombatura*.
- *festone* – oriundo do francês *festonné* e já dicionarizado em Ferreira (2004) como *festonê*, entretanto, os indivíduos pronunciam como uma palavra paroxítona e não oxítona. O termo designa um tipo de faixa cerâmica retangular, de largura variada, usada nos acabamentos de pisos e paredes. Recebe também o nome de *listelo* ou *filete*. A propósito, *listelo* é um termo proveniente do italiano (= *listello*).
- *mármore travertino* – tipo de mármore que normalmente apresenta cores terrosas e é muito encontrado na Itália. O termo *travertino* é de origem italiana, embora já esteja dicionarizado em Ferreira (2004) e completamente incorporado ao léxico português.
- *bordura* – procedente do francês *bordure*, designação de um acessório utilizado para rematar ou dar acabamento às quinas. Embora haja os equivalentes *remate* e *acabamento*, o termo que ocorre de fato é *bordura*, emprestado do italiano.
- *mate* – proveniente do francês *mat*, que designa um tipo de esmalte opaco. O termo *mate* está dicionarizado em Ferreira (2004) e completamente incorporado ao léxico português.
- *tamização* – originário do francês *tamis*, mas que foi incorporado ao léxico especializado do Revestimento Cerâmico pelo espanhol *tamiz*, que significa *peneira*. A partir de *tamiz*, surge o substantivo abstrato de ação *tamização*. Suponho que ocorre aqui o processo de derivação por sufixação, em que se agrega à base *tamiz-* o sufixo vernáculo formador de substantivo abstrato de ação *-(ç)ão*. Embora a forma *tamisação* esteja registrada no dicionário Ferreira (2004), os profissionais da área utilizam a forma

tamização (com “z”) concorrendo com *peneiramento*, sobretudo na língua oral. Em textos escritos, encontrei apenas *peneiramento*.

- *terracotta* – proveniente do italiano, o termo designa um tipo de revestimento cerâmico rústico, não esmaltado, também conhecido como *cotto*.
- *grès* – oriundo do francês *grès*, o termo designa um tipo de revestimento cerâmico, cuja absorção de água é baixíssima, resultando portanto numa peça bastante resistente. Embora a pronúncia original seja com o “e” aberto, os falantes do português do Brasil pronunciam com o “e” fechado.
- *tozzeto* – procedente do italiano e grafado muitas vezes com apenas um “z” (*tozeto*), o termo designa um tipo de revestimento pequeno, de formato quadrado e de tamanho variado, assentado entre placas cerâmicas maiores, formando padrões decorativos.

A grande influência do italiano nessa terminologia se justifica pelo fato de a Itália ser um dos países geradores de tecnologia, sobretudo no que diz respeito a equipamentos, processos de fabricação e produtos. Com relação aos termos oriundos do francês, há que se ressaltar que grande parte corresponde ao campo semântico da decoração do piso cerâmico, além do fato de que chegam à língua portuguesa por intermédio do italiano. Esses italianismos e galicismos presentes da terminologia de Revestimento Cerâmico contraria, portanto, os postulados daqueles que defendem a lei 1676/99 supracitada, os quais afirmam que grande parte dos empréstimos no português do Brasil são compostos de anglicismos.

Tecerei, a seguir, alguns comentários acerca da terminologia da Fisioterapia, outra área do conhecimento que tem sido objeto de estudo do GETerm.

Os termos para compor a base terminológica do domínio da Fisioterapia foram coletados manualmente, já que para esse projeto não foi elaborado um *corpus* digitalizado em língua portuguesa, inviabilizando, portanto, a extração automática. Atualmente, a base conta com cerca de 1.200 termos, dispostos numa ontologia, dos quais apenas 9 são anglicismos (ou 0,75%). Observem-se os termos:

- *biofeedback* – técnica que auxilia a auto-regulação dos processos corporais a partir das funções fisiológicas e de seu controle voluntário. Diversas manifestações produzidas pelo organismo (sinais biológicos) do paciente, na maioria das vezes movimentos involuntários, são captados por meio de um programa de computador, o qual gera informações que são posteriormente enviadas ao mesmo paciente. Com base nelas, o paciente passa a ter maior facilidade para controlar os seus movimentos de forma voluntária (Dicionário de Fisioterapia – DicFisio¹³). O termo é somente empregado em inglês.
- *hot pack* – compressa quente utilizada como recurso terapêutico. Embora *compressa quente* seja o equivalente em português, o termo *hot pack* é também empregado.
- *shaking* – técnica terapêutica caracterizada por movimentos rápidos (sacudidas leves) feito com as mãos sobre um dado segmento (DicFisio). Embora o termo seja empregado em inglês, nos textos escritos o termo aparece frequentemente seguido da versão em português entre parênteses: *sacudidela*.
- *shuttle test* – teste utilizado na fisioterapia respiratória que consiste em fazer o paciente caminhar entre duas marcas separadas por nove metros a velocidades diferentes, marcadas por um sinal sonoro. A velocidade deve aumentar gradativamente a cada minuto. O teste termina quando o paciente é capaz de caminhar a uma velocidade determinada. Ao final, conta-se a quantidade de metros percorridos¹⁴.
- *spray* – jato de vapor fino contendo substância medicinal, aplicado a uma parte enferma do corpo do paciente (DicFisio). O termo em inglês é largamente utilizado.
- *maitland* – terapia manual, realizada por meio de alongamento das estruturas, desenvolvida por Geoffrey Maitland, a qual possibilita dar diagnósticos e tratar as desordens musculoesqueléticas (DicFisio). Por tratar-se de um epônimo, é empregado somente na forma inglesa.
- *leg-press* – equipamento utilizado em técnica ou atividade terapêutica com o objetivo de trabalhar ou avaliar os seguintes músculos: quadríceps, glúteo máximo e panturrilha (DiRC). O termo em inglês é largamente empregado.
- *splint* (ou *tala*) – aparelho de assistência colocado exteriormente ao corpo para corrigir uma deformidade ou para proteção de um membro fraturado ou luxado. Normalmente é confeccionado de osso, madeira, metal, gesso ou couro. Os termos *splint* e *tala* são concorrentes.
- *rash cutânea* – espécie de erupção na pele, de caráter patológico, caracterizada por vermelhidão, saliência ou mancha, com distribuição predominante nas extremidades distais (DicFisio). Esse termo concorre com o correspondente vernáculo *erupção cutânea*.

O que é realmente produtivo nessa terminologia são as formações eruditas, já que o léxico da Fisioterapia tem uma estrutura morfológica muito semelhante à da Medicina, ou seja, contém muitos termos cujos morfemas, tanto radicais quanto afixos, têm origem grega ou latina. Observem-se, a seguir, alguns dos

diversos morfemas¹⁵ de origem greco-latina encontrados na terminologia da Fisioterapia e os seus respectivos exemplos retirados da base terminológica:

- *artr(i/o)-* (do gr. árthron) – elemento de composição que significa 'juntura'; 'articulação': *artralgia, artrectomia, artrite, artrocentese, artrocondrite, artrodese, artrogripose, artropatia*, etc.
- *-ite* (do gr. ítis, pelo lat. -ite) – sufixo muito produtivo nos nomes médicos, designando doença inflamatória de órgão, tecido, etc., a que se refere o radical: *artrite, artrocondrite, bronquite, bursite, dermatite, encefalite, encefalomielite, espondilite*, etc.
- *-óide* (do gr. -(o)eídos, pelo lat. cient. -īdes) – sufixo que pode significar 'aspecto ou forma de', 'semelhante a', 'relativo a': *deltóide, escafoíde, quelóide, articulação elipsóide, articulação trocóide*, etc.
- *-ose* (do lat. cient. -osis < gr. -ōsis) – sufixo muito produtivo na anatomia e na medicina. Nesta última, o sufixo é utilizado para formar os substantivos de diversos processos patológicos e doenças, agregando-se a uma base que designa quer o órgão, quer parte dele. Na terminologia da Fisioterapia, é empregado com esse sentido: *artrose, aterosclerose, escoliose, hiperlordose, osteoporose, trombose*, etc.
- *-patia* (do gr. -páthēs, ēs + sufixo formador de substantivos abstratos -ia em termos científicos, sobretudo do século XIX em diante) – morfema que pode significar 'estado passivo', 'sensibilidade a', 'sofrimento', 'mal', 'doença', 'afecção': *artropatia, cardiopatia, condropatia, discopatia, miopatia, pneumopatia*, etc.

Ao examinar esses dois vocabulários, percebe-se a discrepância entre o número de anglicismos e o número de empréstimos de outras línguas como o italiano e o francês¹⁶ no léxico de Revestimento Cerâmico, e do grego e latim no da Fisioterapia.

Com o objetivo de confrontar dados, decidi incluir também nessa análise outras duas áreas que têm grande influência da língua inglesa, quais sejam: o domínio da Gestão pela Qualidade Total em Serviços e da Informática.

Observe-se, por exemplo, o léxico da Gestão pela Qualidade Total em Serviços¹⁷. Segundo Silva (2003), dos 783 termos coletados, 65 (ou 8,3%) constituem empréstimos do inglês e do japonês, sendo que os primeiros têm ocorrência muito superior. O curioso é que os anglicismos, mesmo sendo maior que nas outras terminologias analisadas, têm um número surpreendentemente menor do que o esperado, já que essa tecnologia surge fundamentalmente nos Estados Unidos em meados dos anos 50 do século XX. Era de se esperar, portanto, que a presença marcante de anglicismos fosse característica inerente a essa terminologia. Silva (2003) ainda afirma que o reduzido número de empréstimos encontrados nessa terminologia deve-se a adaptações realizadas, de forma a adequar o estrangeirismo à fonética e/ou à ortografia da língua portuguesa.

Importa citar ainda outra terminologia que vem recebendo muitas críticas no tocante à presença de elevado número de anglicismos: o vocabulário da informática. Em pesquisa¹⁸ que realizei de 1991 a 1995 sobre essa terminologia, observei a predominância dos anglicismos. Naquela ocasião, o Brasil acabara de sair da então chamada reserva de mercado de informática. A reserva de mercado durou onze anos, de 1981 a 1992, e determinava, por meio de Ato Normativo (10/06/1981), que a fabricação de micro e minicomputadores passava a ser exclusividade de capital 100% nacional, como afirma Ferreira (1993). Em outubro de 1992, iniciou-se no país a abertura para a importação de produtos estrangeiros. Evidentemente que essa abertura possibilitou às empresas brasileiras um avanço tecnológico muito mais rápido, haja vista que o país estava ilhado tecnologicamente. Entretanto, a consequência direta disso foi a entrada excessiva de empréstimos, pois junto com os novos conceitos, técnicas, equipamentos, procedimentos vinham os seus respectivos nomes. E se a tecnologia era gestada nos Estados Unidos, era natural que os anglicismos acompanhassem as importações.

Na pesquisa realizada naquela ocasião, foram coletados manualmente 1.747 termos, dos quais, 639 eram empréstimos, o que equivale a 36,58% do total. Um número muito superior, portanto, às terminologias analisadas até agora. Mas hoje, 14 anos depois da abertura de mercado, o que se vem observando nesse vocabulário é uma diminuição considerável de anglicismos. Muitos dos termos coletados em 1992 já têm emprego muito reduzido em textos orais e praticamente não aparecem mais em textos escritos. Observem-se alguns exemplos na tabela 1 a seguir:

<i>Termos coletados entre 1992 e 1994</i>	<i>Maneira como aqueles mesmos conceitos vêm sendo empregados hoje</i>
<i>gabinete tower</i>	<i>gabinete torre</i>
<i>print/printar</i>	<i>imprimir</i>
<i>printer</i>	<i>impressora</i>

<i>draft</i>	<i>rascunho (referindo-se à forma de impressão)</i>
<i>dar um search/ dar um seek</i>	<i>localizar (arquivos)</i>
<i>dar um double click</i>	<i>dar um duplo clique</i>
<i>dar um squeeze</i>	<i>compactar (arquivos)</i>
<i>dar um undo</i>	<i>desfazer a última operação/ desfazer digitação</i>
<i>file</i>	<i>arquivo</i>

Tabela 1

Há ainda termos que passaram por várias fases de adaptação, como por exemplo *initialize* > *inicializar* > *iniciar*, que, curiosamente, ainda convive com os termos *startar*¹⁹ ou *dar boot*²⁰. O que muito favoreceu essas traduções e/ou decalques foram as versões traduzidas para o português dos programas mais largamente difundidos como os editores de texto, por exemplo, pois antigamente se encontravam quase que exclusivamente versões em inglês.

Importa registrar, também, as constatações a que chegou Alves (1995) no artigo em que discorre sobre os empréstimos na terminologia da Inteligência Artificial:

Em relação à inteligência artificial, deve-se lembrar, primeiramente, que a terminologia dessa ciência chega ao contexto brasileiro por meio de manuais, artigos de revistas e de novas tecnologias provenientes, sobretudo, dos países anglófonos. Apesar dessa origem inglesa, os empréstimos nessa língua de especialidade são relativamente raros e concorrem, sempre, com as respectivas formas vernáculas, que, não raro, estabelecem também entre elas uma concorrência. Alguns exemplos: backtracking / rastreamento para trás; backward chaining / encadeamento para trás, encadeamento regressivo, encadeamento retroativo; backward reasoning / inferência para trás; blackboard / quadro-negro; breadth-first / busca em nível, busca em amplitude; certainty factor / fator de certeza, fator de confiança; depth-search, depth-first search / busca em profundidade; fork / nó-forquilha; forward chaining / encadeamento para frente, encadeamento progressivo; forward reasoning / inferência para frente, raciocínio para frente; frame / estante, quadro; matching / casamento; script / roteiro; state space / espaço de estados; well-formed formula / fórmula bem-formada. (ALVES, 1995:2)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca é demais lembrar que toda língua viva varia e muda. E essa dinâmica revela muito bem a história dos empréstimos em qualquer língua. Eles chegam e, antes de se instalar, são empregados com sua forma original, causando estranheza. À medida que esse empréstimo vai-se incorporando por meio de decalques, traduções ou adaptações ortográficas, os indivíduos passam a tratá-los como itens léxicos constitutivos da língua de chegada, esquecendo-se, portanto, da sua origem:

...los anglicismos están en la lengua porque la sociedad los usa, independientemente de que sean considerados alienígenas o elementos de integración. El sólo hecho de que ya existan es motivo suficiente para pensar que la misma sociedad los acepta o los rechaza según su conveniencia y vigencia... (MARQUEZ ROJAS, 2005:67)

A propósito, Garcez e Zilles (2001) oferecem exemplos bastante ilustrativos: “será que alguém lembra que LÍDER até bem há pouco foi *leader* e que BIFE foi *beaf*? Seriam esses empréstimos intrinsecamente menos impuros do que *shopping* ou *home page*? No português, língua de tantas invasões em cinco continentes, invadida e invasora, o que seria puro?” (GARCEZ e ZILLES, 2001:20)

É claro que os falantes brasileiros não vêm no uso dos anglicismos um problema como postulam alguns legisladores e puristas. Bom sinal, pois talvez os falantes percebam (sabidamente) que utilizar anglicismos em determinadas situações de linguagem não torna impura a língua vernácula. Entretanto, essa característica do português do Brasil (e do brasileiro) não me parece uma questão que deva ser resolvida por

meio de lei. Esse problema definitivamente não é lingüístico, mas sim, político, econômico e cultural. Como afirma Possenti (2001), “para proteger de fato nossa língua, temos que tornar nossa economia poderosa e nossa cultura tão charmosa que nenhuma outra nos tente.” (POSSENTI, 2001:168) O dia em que o Brasil conseguir atingir o equilíbrio social e a justa distribuição de renda tão almejados, certamente os indivíduos terão orgulho de seu país, da sua cultura e, conseqüentemente, de sua língua, ficando, assim, menos sensíveis aos empréstimos de países cuja cultura e *modus vivendi* invejam.

Após examinar como os anglicismos se comportam em algumas linguagens de especialidade, gostaria de finalizar chamando atenção para dois pontos que, ao meu ver, me parecem relevantes. Primeiro: tentar legislar sobre a língua/linguagem é apenas uma maneira falseada de resolver o problema, já que a questão do empréstimo (sobretudo anglicismos) no Brasil tem motivações muito mais profundas, e a língua é apenas a superfície visível de um problema que tem como causa sérias questões políticas, econômicas e sociais que o País, infelizmente, ainda não resolveu. Segundo: o inglês norte-americano não é a vilã de todas as línguas, seu impacto não é nocivo na língua geral nem nas linguagens de especialidade como já foi explicitado acima. Cada terminologia carrega consigo, naturalmente, a língua cujo país gerou determinado saber e/ou tecnologia. Por isso encontram-se empréstimos do italiano e do francês em Revestimento Cerâmico; empréstimos do grego e do latim em Fisioterapia; empréstimos do inglês na Gestão pela Qualidade Total em Serviços, na Informática e na Inteligência Artificial. Dizer que é abusivo o número de anglicismos na linguagem da informática é o mesmo que reclamar do número excessivo de empréstimos do latim na terminologia do Direito e empréstimos do italiano na terminologia da Música.

Retomando Possenti (2001:171), o que constitui uma língua não é apenas o seu léxico, mas fundamentalmente a sua gramática, isto é, seus sons, seus padrões silábicos, sua morfologia, sua sintaxe. E no tocante à gramática, a língua portuguesa está absolutamente intocada. O mesmo vale para as linguagens de especialidade, já que são parte constitutiva de qualquer língua.

NOTAS:

1. Deputado Federal, legislatura 2003-2007, pelo Partido Comunista do Brasil. Foi líder do Governo do Presidente Luis Ignácio Lula da Silva na Câmara dos Deputados, entre 2003-2004. Depois dessa data, licenciou-se do mandato de Deputado Federal para exercer o cargo de Ministro de Estado da Secretaria de Coordenação Política e Relações Institucionais do mesmo Governo, de 23 de janeiro de 2004 a 20 de julho de 2005. Atualmente é presidente da Câmara dos Deputados.

2. A URL <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/> traz a referida lei na íntegra, a justificação, o relatório da Deputada Iara Bernardi, apresentado em 21/06/2000 na Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara Federal, e a emenda substitutiva.

3. O GETerm tem como objetivos: 1) estudar conteúdos pertinentes à Terminologia/Terminografia; 2) desenvolver pesquisas que gerem produtos terminológicos em língua portuguesa, tais como: glossários, dicionários, enciclopédias e assemelhados, que satisfaçam demandas reais. Está localizado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-SP-Brasil). No momento, estão em andamento no GETerm os seguintes projetos: Dicionário de Revestimento Cerâmico (dicionário monolíngüe com equivalências em inglês, espanhol e italiano), Dicionário de Fisioterapia e Dicionário de Nanociência e Nanotecnologia (dicionário monolíngüe com equivalências em inglês).

4. Tanto a ferramenta quanto a base textual foram desenvolvidas no Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional (NILC), sediado na Universidade de São Paulo (USP), campus de São Carlos (SP-Brasil). Cf. URL: <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/>.

5. Dicionário em elaboração no GETerm.

6. A forma vernácula *caulim* é originária do topônimo *Kao Ling* (norte da China), que significa ‘colina alta’ ou ‘colina elevada’, local de onde se extraiu primeiramente essa matéria. Chega no português pelo francês *kaolin* (1712). (FERREIRA, 2004; HOUAISS & VILLAR, 2001).

7. “Método de impressão rotativa direta que utiliza chapas de borracha ou fotopolímero resiliente [=elástico] com uma imagem em relevo”. (<http://www.herbario.com.br/dataherbfotografia06/flexografia.htm>)

8. Em Lingüística Computacional, as lexias simples também podem ser denominadas unigramas, o que significa um item léxico formado apenas por um elemento, por exemplo: *argila*, *engobe*, *esmalte*, *queima*, etc.

9. Uma discussão bem mais aprofundada sobre esse tema pode ser encontrada no texto “Critérios de delimitação e de definição da palavra” que integra a obra *Teoria lingüística*, de Maria Tereza Camargo Biderman, publicada em 2001, pela Editora Martins Fontes (São Paulo, SP, Brasil).

10. As lexias complexas também são denominadas bigramas, trigramas, etc., dependendo de quantos elementos o item léxico for constituído. Exemplo de bigramas: *alumina calcinada*, *análise dilatométrica*. Exemplo de trigramas: *aplicador de granilha*, *argila refratária aluminosa*, etc. Há ainda ocorrências de lexias complexas contendo mais de 3 elementos, mas em menor número que as ocorrências de bigramas e trigramas, como por exemplo: *resistência à abrasão superficial*, *módulo de resistência à flexão*, etc.

11. Silica que aparece como quartzo ou algum de seus polimorfos, que não está combinada com outros óxidos, ou seja, que está em forma de cristais, em contraposição à sílica presente em estado combinado, como um dos muitos minerais do grupo dos silicatos. Durante o aquecimento e resfriamento, a sílica livre sofre uma série de inversões com as conseqüentes tensões no corpo cerâmico. Em geral, a introdução de sílica livre em misturas de matérias-primas argilosas, origina: redução da plasticidade; diminuição da contração de secagem e de queima; aumento da permeabilidade e, normalmente, da compacidade; diminuição do tempo de secagem; diminuição da resistência mecânica a seco e após a queima; aumento da refratariedade na maioria dos casos; aumento do coeficiente de dilatação. (DiRC)
12. Propriedade física relacionada à variação dimensional da placa cerâmica quando em contato com altas temperaturas, como lareira, sauna, churrasqueira. É um fenômeno reversível que todos os revestimentos apresentam, porém, em graus diferentes. (DiRC)
13. Dicionário em elaboração no GETerm.
14. http://www.separ.es/cgi-bin/wdbcgi.exe/separ/separ2003.pkg_areas.muestradoc?p_id_menu=196.
15. As observações etimológicas referentes aos morfemas citados no texto foram obtidas nos dicionários FERREIRA (2004) e HOUAISS & VILLAR (2001).
16. Lembrando que a entrada dos termos franceses deu-se pelo italiano.
17. Devo registrar que essa terminologia foi objeto de minucioso estudo na tese de doutoramento de Manoel Messias Alves da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Ieda Maria Alves (Universidade de São Paulo/São Paulo-Brasil, 2003).
18. Essa pesquisa, intitulada *Neologismos na Informática: Natureza e Deriva de um Vocabulário*, constituiu minha dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara (SP, Brasil), em 1995.
19. Importa mencionar que o termo *startar*, embora seja grafado dessa maneira, já foi adaptado à fonologia do português, sendo pronunciado como /estartar/. Atualmente o termo mais freqüente é o equivalente em português *iniciar*. Segundo definição obtida em FERREIRA (2004), iniciar significa “preparar (computador ou periférico) para uso, executando uma seqüência mais ou menos padronizada de operações (como: ligá-lo, aguardar as rotinas de auto-teste, a carga do sistema operacional e a configuração do ambiente do usuário), até o momento em que o equipamento passa a estar disponível a entradas do usuário; inicializar, dar *boot*.” Observe-se que no referido dicionário são apontadas as formas concorrentes: inicializar e dar *boot*.
20. A forma *dar boot* está dicionarizada como uma locução (ou lexia complexa) que aparece no final do verbete *boot* em FERREIRA (2004).

ABSTRACT:

IN AUGUST 2003, A LAW AGAINST THE USE OF FOREIGN WORDS IN THE BRAZILIAN PORTUGUESE LANGUAGE WAS APPROVED, MAINLY MOTIVATED BY THE INCREASING NUMBER OF ANGLICISMS ENTERING THE LANGUAGE. CONSIDERING THAT A GREAT NUMBER OF SUCH FOREIGN WORDS ENTERS THE LANGUAGE THROUGH THE USE OF LANGUAGE FOR SPECIAL PURPOSES, SOME OF THESE LANGUAGES WILL BE STUDIED IN ORDER TO DEMONSTRATE TO WHAT EXTENT ANGLICISMS INFLUENCE TERMINOLOGIES.

KEYWORDS:

FOREIGN WORD; ANGLICISM; BORROWING; LANGUAGE FOR SPECIAL PURPOSES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Alves, Ieda Maria. *Neologismo - criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

Alves, Ieda Maria. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995, p. 1-4. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewissue.php?id=33#Artigos> (Acesso: 12/outubro/2005).

Biderman, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Camara Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4a ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. Curitiba: Positivo, 2004.

Ferreira, Belmiro. *O avanço do retrocesso: a reserva de mercado de informática no Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

Garcez, Pedro M. e Zilles, Ana Maria S. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: Faraco, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos – guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

Guilbert, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

Haugen, Einar. The Analysis of Linguistic Borrowing. *Language*, v. 26, 1950, p. 210-231.

Houaiss, Antônio & Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Humbley, John. Vers une typologie de l'emprunt linguistique. *Cahiers de Lexicologie* 25 (2), 1974, p. 46-70.

Marquez Rojas, Melva. *El anglicismo terminológico integral en los textos especializados: pautas para su tratamiento automatizado*. Barcelona: IULA, 2005. Text en castellà, format PDF. Disponível em: http://www.tdx.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0307105-134028/tmmr1de1.pdf (Acesso: 20/mar/2006)

Menezes, R. R., Ferreira, H. S., Neves, G. de A. Caracterização de argilas plásticas do tipo "ball clay" do litoral paraibano. *Cerâmica*. [online]. Jul/Set 2003, vol.49, no.311, p.120-127. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0366-69132003000300003&lng=en&nrm=iso. (Acesso: 20/março/2006)

Possenti, Sírio. A questão dos estrangeirismos. In: Faraco, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos – guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

Rondeau, Guy. Problems and Methods of Terminological Neology (Neonymy), *Infoterm Series 6*, München, Saur, 1983.

Silva, Manoel Messias Alves da. *Dicionário terminológico da gestão pela qualidade total em serviços*. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

Vieira, Carlos Maurício Fontes; Monteiro, Sergio Neves; Duailibi Fh., Jamil. Considerações sobre o uso da granulometria como parâmetro de controle de uma argila sedimentar. *Cerâmica Industrial*, v. 10, n. 1, Janeiro/Fevereiro, 2005.

Gladis Maria de Barcellos Almeida é lingüista e professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/SP-Brasil), desde 1998, onde atua no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), coordena projetos de pesquisa voltados para Lexicologia, Terminologia e Terminografia. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Terminologia (GETerm), que tem como objetivos: 1) estudar conteúdos pertinentes à Terminologia/Terminografia; 2) desenvolver pesquisas que gerem produtos terminológicos em língua portuguesa, tais como: glossários, dicionários, enciclopédias e assemelhados, que satisfaçam demandas reais; 3) propor ferramentas computacionais que auxiliem a pesquisa terminológica. A meta do grupo é aliar a Terminologia à Informática, de forma a gerar produtos terminológicos mais fiáveis e em menor tempo, sem se desvincular da teoria terminológica descritiva de viés lingüístico que tem sustentado a pesquisa.